

EUCLIDES DA CUNHA E O CEARÁ

JOSE AURELIO CAMARA

O ano próximo vai assinalar nos seus primeiros dias — 20 de janeiro — o centenário do nascimento de Euclides da Cunha, o homem que aos trinta e três anos escreveu uma obra ainda não superada no plano da análise e da interpretação das realidades nacionais.

Em São José do Rio Pardo, a Meca do culto euclidiano, o lugar onde o grande pensador escreveu o livro que haveria de imortalizá-lo, já tiveram início, a 8 do corrente, reuniões e conferências preliminares, ponto de partida das comemorações centenárias. Estas, que se prolongarão até agosto de 1966, terão amplitude nacional e se processarão sob a direção e orientação do Centro Euclides da Cunha, de São Paulo.

Não sabemos ainda de que modo se vai efetuar a participação do Governo Federal nas homenagens à memória de Euclides, vida singularíssima assinalada pela auréola inesperada de uma obra não menos singular no panorama das letras brasileiras.

A divulgação de seus livros, em edições populares, tornando-o melhor conhecido das gerações mais novas, deve situar-se entre as providências mais desejáveis. Oportuna seria, por igual, a publicação em livro de seus escritos esparsos e pouco encontrados, como, por exemplo, as crônicas que de março a julho de 1892 fez publicar no "O Estado de S. Paulo", entre as quais figura um poema dedicado a Filinto de Almeida.

O Ceará não deverá alhear-se às homenagens que a cultura brasileira vai prestar a uma das suas expressões mais autênticas e originais. Obrigam-no a isso, de um lado, sua opulenta tradição intelectual, e, do outro, as inegáveis vinculações do nome cearense à obra imperecível de Euclides, àquela imensa epopéia que são *Os Sertões*.

De fato, se aquêle livro constitui o mais eloquente monumento erguido na literatura nacional às potencialidades insuspeitadas do meio de que o Ceará e o seu povo são fidelíssima expressão, em manifestações intelectuais cearenses, particularmente, buscou Euclides da Cunha elementos valiosos para justificação de suas teses e ilustração de seus relatos.

Dos trabalhos do Senador Tomás Pompeu valeu-se o autor de *Os Sertões* para as referências à cronologia das sêcas nordestinas que figuram na obra. Além desta citação nominal, expressa no texto, as informações de Pompeu podem ter sido fonte utilíssima para a elaboração de outras análises fislográficas contidas no livro.

Juvenal Galeno constituiu-se noutra admirável contribuição cearense à tessitura de algumas das mais belas e penetrantes páginas de Euclides na sua obra máxima: aquelas relativas às vaquejadas, ao estouro da boiada, às danças e desafios.

Quer porque tenha ido buscar em Juvenal Galeno alguns versos populares, trechos de cantigas e desafios, quer porque dêle tenha utilizado a terminologia folclórica regional, de que foi aquêle o primeiro divulgador nas letras brasileiras, o fato é que o bardo cearense se faz presente, de modo ponderável, nas páginas de *Os Sertões*.

Alguns poemas de Juvenal, como aquêle originalíssimo duelo de cantadores no velório de uma criança, inspirariam páginas de Euclides que se nos apresentam como uma síntese em prosa dos versos estampados em *Lendas e Canções*.

É oportuno recordar aqui que foi precisamente quando se apresentava para escrever o seu grande livro, que Euclides da Cunha conheceu a obra de Juvenal Galeno. Em carta escrita a Domingos Nogueira Jaguaribe, de 23 de dezembro de 1897, afirmava êle não ter lido ainda o poeta cearense. E a maneira por que é o assunto ventilado na missiva permite admitir ter sido Jaguaribe quem lhe recomendou a leitura das *Lendas e Canções* e lhe tenha, talvez mesmo, remetido êste livro.

Outro autor cearense de consulta obrigatória na feitura da obra foi João Brígido.

Dêste pode dizer-se que foi a fonte principal de informações no que tange às origens e aos primeiros tempos daquele que seria a mística e exótica personalidade central de *Os Sertões*.

A Euclides da Cunha não foi estranho tudo o que sôbre Antônio Conselheiro, Quixeramobim e o Ceará daqueles dias havia escrito João Brígido. Êste, por sua vez, manifestava certo orgulho pelo fato de ter sido o responsável pela fidelidade com que, no seu entender, foi o assunto tratado por Euclides.

Escrevendo no "Unitário" de 25 de setembro de 1917 sôbre o livro de Macedo Soares relativo aos sucessos de Canudos, João Brígido imputava os erros e falhas relativos a Antônio Conselheiro ali encon-

trados, no fato de haver o autor fundamentado sua narração em falsas e levianas informações de um certo Cícero de Pontes Simões, que no assunto pouco ou nada conhecia. E recordava que, para sua obra monumental, Euclides nêle se apolara.

A essas fontes cearenses de que eficazmente se utilizou o grande analista da Campanha de Canudos poderíamos acrescentar um elemento decisivo que, constituindo a peça fundamental da obra, a ela vinculava para sempre o Ceará e o seu complexo meio sertanejo: — o “gnóstico bronco”, o anatematizado mas imortalizado Antônio Vicente Mendes Maciel, natural de Quixeramobim, no coração do território cearense.

Este Ceará, que êle, com justiça, considerava admirável e que, sob tantos aspectos, se reflete vivazmente no seu livro imortal, Euclides da Cunha viria conhecer pessoalmente quando, em fins de 1904, deslocou-se do Rio para o Amazonas e Acre na qualidade de chefe da Comissão do Alto Purus.

Viajando no vapor Alagoas, talvez o mesmo que conduzira ao exílio em 89 a Família Imperial banida, o escritor desembarcou em Fortaleza no dia 22 de dezembro de 1904.

No jornal local “A República”, daquela data, lê-se, na primeira página, esta nota singela: — “Passou hoje no Alagoas, com destino ao Norte da República, o notável escritor brasileiro Euclides da Cunha, autor do célebre livro *Os Sertões*, e membro da Academia de Letras.”

A “Revista do Livro”, órgão do Instituto Nacional do Livro, no seu n.º 15, de setembro de 1959, publica o fac-símile de um cartão postal que de Fortaleza escreveu Euclides a Rodrigo Otávio. A data é a de 22 de dezembro, mas pelo carimbo do correio vê-se que foi remetido do Maranhão dois dias depois.

Um dos lados do cartão traz uma fotografia da Estação Central da nossa Estrada de Ferro, abrangendo um pequeno trecho da Praça Castro Carreira, com seus trilhos de bonde e seu péssimo calçamento.

Na pequena faixa em branco, na parte inferior da fotografia, escreveu Euclides:

“Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?
— De dia vento de terra
De noite vento do mar!

Não resisto ao desejo de transmitir-te esta belíssima quadra, que neste momento ressoa ao meu lado, na boca de um rude filho dêste Ceará admirável.

Fellicidades. Lembranças a todos. Euclides. Fortaleza, 22-12-904.”

No mesmo jornal "A República", daquele dia, figura a lista dos passageiros do Alagoas, muitos dos quais personalidades de destaque da sociedade cearense, que retornavam ao Ceará, vindos do Rio de Janeiro.

Foram companheiros de viagem de Euclides da Cunha, entre outros, o médico Álvaro Fernandes, o Dr. Tomás Pompeu, o Dr. Virgílio de Moraes Filho, Jonas Miranda, Antônio Gentil, então com 17 anos e ainda hoje vivo e bem forte. Também figura na lista Dona Antonieta de Alencar Castelo Branco e quatro filhos menores. Esta senhora é a falecida genitora do Marechal Castelo Branco, e entre os filhos que acompanhavam estaria, certamente, o atual Presidente da República.

"O Povo", de 28 de agosto de 1965.